



*Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*, organização de Isabel Lustosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, 560p.

# Quando o humor gráfico deixa de ser divertido: a veiculação de estereótipos por meio do traço

When the graphic humor stops being fun:  
the transmission of stereotypes through the dash

Renata de Paula dos Santos\*

*Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais* (Editora da UFMG, 2011, 560 páginas, R\$ 83,00) é uma compilação de vinte e dois artigos organizada por Isabel Lustosa. O livro contempla diversas práticas da imprensa ilustrada, com destaque à caricatura, na América Latina e na Europa, entre os séculos XVIII e XXI. O intuito dos textos é abordar como os estereótipos culturais, seja a partir da negação ou da assimilação, foram trabalhados pelos artistas gráficos pesquisados. A obra é plural já em sua organização, pois reúne autores de onze nacionalidades e de múltiplas áreas do saber, como jornalistas, filósofos, literatos, escritores, historiadores e críticos de arte.

As análises reunidas proporcionam um ambiente analítico abrangente. Discutindo desde a presença, quase obrigatória, das piadas de português no imaginário brasileiro, até a utilização do traço em períodos de guerra e a disseminação da intolerância aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial por meio de caricaturas. O livro contempla, ainda, a disputa simbólica entre cariocas e paulista e a consolidação de uma identidade nacional brasileira, além das conhecidas rivalidades entre franceses e alemães, franceses e espanhóis e ingleses e irlandeses.

Reunir todas estas temáticas em um mesmo formato, já atribui um mérito grandioso à publicação. Tendo em vista, principalmente,

---

\* Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Comunicação Popular e Comunitária e mestranda em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: renatapstos@hotmail.com

que a caricatura e a charge são formatos recorrentes na interpretação de fatos políticos de grande relevância. Como termômetro de seu tempo, o humor gráfico é um excelente formato comunicativo, bem como uma importante ferramenta para a pesquisa histórica (este livro é prova disso!).

O conceito de estereótipo é o elo entre todos os artigos. Ainda que apareçam várias definições ao longo do livro, tal verbete pode ser entendido como uma visão pré-determinada, equivocada e generalista. Os autores citam vários exemplos, como a classificação recorrente dos orientais enquanto ladrões e déspotas pelos ingleses. Estas concepções errôneas e ideologicamente determinadas acabam sendo naturalizadas com o passar do tempo e têm o seu lastro valorativo apagado.

Os estereótipos, justamente pela sua classificação rígida e determinada, são utilizados como o ponto de partida do humor gráfico (charges, histórias em quadrinhos, caricaturas e cartuns), que pode ser revolucionário (provoca reflexões a partir de críticas ácidas) ou reacionário (apenas repete e refunda preconceitos e estigmas). Desta forma, o discurso ilustrado também é um instrumental muito utilizado para a disseminação de valores ideológicos. Inúmeros exemplos se apresentam nos textos, a partir de vários contextos históricos e de várias problematizações.

*Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais* é uma leitura interessante para estudantes e docentes do campo da comunicação, já que retrata como o humor gráfico traz um discurso ideologicamente determinado e que, muitas vezes, é erroneamente percebido como apenas uma piada. Os pesquisadores das ciências humanas e interessados na área dos estudos culturais também vão encontrar, por meio do traço, reflexões muito ricas, sobretudo, na esfera política e na relação com o outro.

O livro ainda reforça como as caricaturas, as charges, os cartuns e as histórias em quadrinhos trazem a marca do momento histórico, político e social em que se inserem e, por isso, também podem ser utilizadas como fontes de pesquisa. Talvez esta seja a sua principal, e bem exemplificada, mensagem.

## Divisão, apontamentos e abordagens temáticas

A publicação é dividida em cinco partes, que tendem a facilitar a leitura e a compreensão dos artigos. Os textos muitas vezes trabalham com referenciais parecidos, o que ajuda na assimilação dos conceitos desenvolvidos pelos autores. Com o objetivo de apresentar as discussões suscitadas, segue uma breve consideração de cada parte:

### Teorias e Práticas

A primeira parte reúne quatro reflexões. Alain Deligne abre o livro com o artigo *De que maneira o riso pode ser subversivo?* O texto aborda a relação entre o humor e a libertação. O riso é trabalhado como uma arma de crítica política. O autor cita *A República*, de Platão, para considerar que o fenômeno desencadeia “uma mudança violenta na alma”. O semioticista Umberto Eco (1989) também trabalha o humor enquanto elemento capaz de persuadir a ordem social e acabar com a lei. O humor é uma transgressão.

Rui Zink em *Da bondade dos estereótipos* se concentra em períodos de guerra e na relação entre o humor e agressividade. Ainda nas primeiras linhas de sua proposta, o escritor português apresenta a identidade nacional como o primeiro de todos os estereótipos. Neste sentido, a guerra é um terreno fértil para a união de um povo e a disseminação de preconceitos acerca dos outros. “É por isso que, durante a guerra, o estereótipo do adversário tende a calcificar-se, a cristalizar-se, como a bênção dos poderes político, econômico, religioso. Em tempo de guerra, há uma espécie de militarização da sociedade, a ética militar estende-se a todos os domínios. Tornamo-nos todos, quase sem nos darmos conta, militantes e soldados de uma guerra, em que é fundamental manter uma visão ‘simples e clara’, para não ‘baixar o moral das tropas’.”

O terceiro artigo é *O chiste*, de Helena Beristáin. Partindo da noção de Henri Bergson, que o cômico é próprio do humano, a filóloga descreve o chiste como uma ocorrência aguda e engraçada estabelecida em uma estrutura maniqueísta: um polo positivo e outro negativo.

Para encerrar o primeiro bloco de reflexões, *Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos*, de Christie Davies. De acordo com o sociólogo inglês, o cartum e a piada não são agressões, mas brincadeiras com a ideia de agressão. No entanto, esta problematização não é muito clara, o que provoca dúvidas. Davies também propõe uma divisão entre cartuns sérios e de humor e se atém ao conceito de piada e de caricatura.

## Parte II – Quadrinhos

Este bloco começa com o texto de José Maria Conget, *Manuel Vásquez: uma crônica de humor durante a ditadura franquista*. O artigo aborda o formato de maior sucesso do quadrinista espanhol: *El Pugarcito*, além de *Las Hermanas Gilda* e *La família Cebolleta*.

A reflexão seguinte é *De estereótipos vizinhos: MemínPenguín como uma oportunidade perdida*, de Héctor Fernandez L’Hoeste. O personagem mexicano (MemínPeguín) é um menino negro dos anos 1940 que foi reutilizado em uma campanha dos correios, em 2005, com o intuito de discutir a democracia racial no país e o racismo como um fator externo – presente em outros países. O autor traz predisposições que aludem aos conceitos de etnocentrismo e imaginário na questão racial. “O episódio de MemínPeguín, apoiado em percepções de raça – os norte-americanos tachando os mexicanos de racistas – e classe – os mexicanos se queixando do paternalismo do vizinho rico e poderoso –, diz quase o mesmo de ambos os países: nenhum dos dois se esforça por praticar a autocrítica e entender como esse incidente desvela aspectos significativos e exploráveis de ambas as sociedades.”

*Um moderno folhetim (ou uma história em quadrinhos trágico-cômica)*, escrito por Sandra Jatahy Pesavento, trabalha com uma história que ganhou destaque no Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre, na década de 1960, sobre um açougueiro acusado de vender linguiça de carne humana. O caso, e suas variadas versões, permeados pela força do imaginário social, transformou-se em quadrinhos e ganhou as páginas do jornal *Última Hora*, em 1964.

### Parte III – Fixando tipos populares

Na terceira parte, Rafael Barajas traz mais informações sobre o humor gráfico mexicano em *Posada, cronista gráfico da identidade popular*. O artista estudado, José Guadalupe Posada, que se tornou notório com a representação de caveiras, é um dos artistas mais lembrados de seu país. O seu trabalho frequentemente integra exposições e mostras. Posada foi, muito certamente, um dos únicos profissionais a viver exclusivamente de caricatura entre os anos 1900 e 1910 no México. Segundo Barajas: “Não se pode negar que Posada é um caricaturista com um grande talento para a crônica e para interpretar o sentimento popular; que desenha para as classes pobres e que se indigna diante dos excessos patronais e dos abusos dos funcionários menores. No entanto, seu pensamento é marcado pelos preconceitos, os valores e as ideias dominantes de seu tempo: absorve o romantismo e o positivismo, acredita na ordem, na paz e no progresso, é alheio às posturas radicais, teme a guerra civil e dá numerosas mostras de lealdade aos seus princípios, aos seus heróis e ao seu país.”

Laura Nery destaca o caricaturista e professor universitário Raul Pederneiras e sua representação dos conflitos sociais existentes no início da República. *Nostalgia e novidade: estratégias do humor gráfico em Raul Pederneiras* contempla também detalhes da imprensa

nacional. Com uma interpretação crítica do cotidiano, o caricaturista, que começou sua carreira em 1898, representava as cenas da vida carioca a partir de um humor interessado em descrever o objeto, apresentando suas características e demarcações.

Isabel Lustosa e Robertha Triches analisam os “Manuéis”, “Joaquins” e as “Marias” que vivem no imaginário de grande parte dos brasileiros. Em *O português da anedota*, as autoras descrevem o surgimento e a consolidação desta figura, regada de estereótipos, no imaginário brasileiro. “No Brasil do final do século 19, os papéis se tinham invertido: nós, os botocudos, negrinhos despreparados, passamos a menosprezar os portugueses como exemplos vivos do atraso, da pobreza e da ignorância. O preconceito contra o português se fixaria a partir da construção do estereótipo do português cujas características iriam sendo identificadas e somadas ao longo de todo o século 19, alcançando forma definitiva na primeira metade do século 20. O estereótipo veio sendo confirmado e perpetuado através de diversos meios: as crônicas de autores importantes nos jornais tradicionais; a imprensa jacobina; a caricatura e o humor; a música popular e a literatura.”

O Brasil é retomado em *Os jornalistas macarrônicos da imprensa humorística paulista*, de Paula Ester Janovitch. O texto destaca o humor e a mistura de várias expressões populares nos jornais em 1900. De acordo com a antropóloga e historiadora, o contexto urbano, modificado pela produção cafeeira, o contato entre os habitantes da capital, com os do interior do estado (Santos), os imigrantes e os ex-escravos davam o tom ao crescimento de São Paulo. “O macarronismo pautado nessa época, além de ser uma expressão do momento, de uma cidade em transição, é um ato de criação artística, de domínio da língua por determinados artistas.”

## Parte IV – Fixando preconceitos sociais e políticos

O quarto bloco reserva a discussão prioritariamente aos estereótipos na Europa. Ursula E. Kock inicia a seleção de artigos com *O semanário satírico Simplicissimus (1896-1944) de Munique: criador e divulgador de estereótipos sociais e nacionais*. Sem nenhum tipo de censura, as caricaturas destinavam-se às mais variadas críticas. A instauração da República de Weimar determina o declínio do período, até o seu fechamento, em meados da década de 1940.

Jean-Claude Gardes disserta sobre a presença de estereótipos na relação franco-alemã. Segundo o historiador da arte e teórico da literatura, no texto *A imagem da França na caricatura alemã (1870-1970)*, os países construíram suas identidades a partir das relações que estabeleceram ao longo do tempo. Gardes analisa quais imagens tornaram-se mais representativas no humor gráfico alemão para representar a França, até chegar ao paralelo entre Charles André Joseph Marie de Gaulle e Adolf Hitler.

Juan García Cerrada segue um caminho semelhante em *Espanha e França vistas através do humor gráfico espanhol*. Cerrada, em seu texto, aponta o humor gráfico como um documento fiel da realidade social do povo. Ainda que a afirmação seja um exagero (assim como outros objetos de pesquisa, as charges, as caricaturas e as histórias em quadrinhos são permeadas pela subjetividade de seu criador), é importante a classificação do humor gráfico como um instrumento para a investigação histórica, sociológica, comunicativa, política, entre outras possibilidades, de um dado período.

Já Mônica Pimenta Velloso, com o artigo *A mulata, o papagaio e a francesa: o jogo dos estereótipos culturais* pretende analisar a influência do imaginário na construção da identidade nacional brasileira. “Mas o estereótipo não se estrutura, apenas, à base de um julgamento. Ele também oferece um espaço flexível ao incluir o humor como expressão. O riso é

capaz de quebrar a seriedade do julgamento ao apontar outras percepções para encarar a mesma realidade. É flexibilizando e relativizando os juízos de valor que conseguimos, mesmo que momentaneamente, mudar a forma de encarar as coisas.”

## Parte V – Desumanizando o outro

Na quinta parte, os autores analisam como o humor gráfico é um formato rico em estereótipos. A seção também se detém na capacidade documental da caricatura. João Luís Lisboa centra a sua pesquisa em escritos jocosos, publicados em Portugal no século XVIII. *O Anatômico entre os papéis jocosos setecentistas* apresenta como a estrutura dos textos humorísticos é marcada por características da época em se insere.

Tamara L. Hunt narra como o preconceito contra os orientais deu vida às charges estimuladas por teorias racistas, difundidas no século XVIII. O artigo *Desumanizando o outro: a imagem do “oriental” na caricatura inglesa (1750-1850)* demonstra como o discurso inglês se apoiou no surgimento de novas ciências, principalmente a frenologia e a fisionomia, para justificar diferenças de costumes como condições biológicas. Ou seja: “Até então, todas as caricaturas contendo motivos orientais traziam implícita a ideia de que aqueles comportamentos condenáveis eram características nacionais, resultado de escolhas culturais, algo que poderia ser mudado. Não há indicação de que os caricaturistas ou o público os vissem como obrigatoriamente vinculados a um determinado grupo racial. Pelo contrário, eram comportamentos que podiam ser adotados por ingleses malformados, digamos assim. Mas esse tipo de caricatura será gradativamente substituído durante as décadas de 1820 e 1830, por outra forma de representação da diferença, inferioridade ou mesmo da inumanidade do ‘outro’.”

Marcela Gené traz à tona o forte discurso antissemita anterior e posterior à Segunda Guerra Mundial. Como objeto do artigo

*Construindo o “inimigo da nação”*: caricaturas de judeus na imprensa de Buenos Aires, a historiadora da arte utilizou principalmente o periódico *Clarín*. Além da representação do judeu por meio da distorção de suas características fisionômicas também eram utilizadas imagens monstruosas e animalescas para demarcar a representação ideológica do outro. A este respeito, Vladímir Propp (1992) conceitua que determinados animais nos fazem lembrar os defeitos dos homens. Neste aspecto se materializa o veneno e o perigo que um judeu representa ao ser apresentado como uma serpente. Gené destaca, portanto: “[...] a comicidade aliada à deformação física ou o humor satírico associado aos costumes ou aos rumos da política, tão exitosos na imprensa desde o século 19, não são suficientes para explicar o funcionamento das caricaturas antissemitas. Se o *ritratocaricato* se referia a um indivíduo em particular, o caso que nos ocupa estereotipa um coletivo religioso/racial. Se a caricatura política satiriza as ações da classe dirigente, nessas figuras caricatas se projeta algo mais do que a força da ideologia: um exercício potencial de violência que a constitui em um objeto ritual.”

Para encerrar a quinta parte, Maximiliano Salinas Campos, em *Os cavalheiros do riso: tirando a seriedade do poder no Chile – Revista Topaze (1931-1960)*, versa sobre a publicação que, com uma linguagem humorada, atacava as classes mais abastadas do país e o seu sentimento de superioridade.

## Parte VI – História da caricatura

O último grupo de artigos é iniciado com *A caricatura no México e como ela foi se tornando mexicana*, de Esther Acevedo. A autora disserta sobre a importância do jornalismo para a formação da identidade nacional. No campo do humor gráfico, a caricatura, sob a influência da tradição europeia, começou a assimilar as formas simbólicas ligadas às

tradições culturais do país. Os desenhos adquiriram um aspecto mais rápido, estabelecido em formas distorcidas.

Em *Desenho, letra e humor: estereótipos na caricatura do império*, Ana Luiza Martins retoma a busca pela identidade nacional brasileira. Coube à caricatura um papel importante nas representações do Brasil e dos brasileiros. Para a autora, o formato foi o responsável por recolocar valores e códigos no nosso processo histórico, por meio do registro iconográfico de personagens marcantes.

Ricky Goodwin, a partir de *A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo*, fecha o livro com uma reflexão sobre a importância dos conceitos preestabelecidos para a estruturação das piadas. “Os estereótipos são parâmetros simplificados que transformam detalhes (calcados na observação da realidade ou tornados reais por insistências repetitivas) no todo. E, ao mesmo tempo que expandem, esses detalhes são reducionistas. Transformam algumas partes no todo e em seguida sacramentam esse todo como pertinente a todas as partes. O mecanismo do humor também trabalha com o exagero de detalhes, ampliando-os de tal forma que, de mínimos, transformam-se em máximos.”

## Referências

ECO, Umberto. Los marcos de la libertad cómica. In: ECO, Umberto; IVANOV, Vyacheslav Vsevolodovich; RECTOR, Monica. **¡Carnaval!** México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

LUSTOSA, Isabel. **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.